

O fascínio do garimpo

Sarney, José

JORNAL DO BRASIL 26 AGO 2000

Saraminda (Siciliano, 256 páginas, R\$ 25) é a história de uma mulher *créole*, nascida na Guiana Francesa, feita de mistério e sensualidade. Ela é a protagonista de uma trama de amor, que se passa no século 19, em plena zona do garimpo do ouro, entre o Brasil e a Guiana Francesa. "Fiquei feliz de ter escrito este livro", confessa um orgulhoso José Sarney, contando como "descobriu" o romance. Em plena campanha para o Senado, pelo Estado do Amapá, ao visitar a região de garimpos desativados, o romancista viu que aquela história de disputa de terras, corrida do ouro e mulheres fáceis era um precioso filão. Machado de Assis, "um mestre extraordinário", é um dos autores preferidos do acadêmico. Entre os latino-americanos, Sarney cita Rômulo Gallegos e a poderosa literatura mexicana. "Sem Eustásio Rivera não haveria García Márquez", garante. Ele acha que quem vai salvar a literatura é a poesia, que não necessita de mercado. "Os poetas escrevem quase para eles mesmos. Sem poetas, sem heróis e sem santos não se fazem os países, nem a humanidade. Poetas são muito necessários."

LENEIDE DUARTE

– Seu novo romance, *Saraminda*, tem características de romance histórico e realismo fantástico. Como surgiu a idéia de escrevê-lo?

– Depois que publiquei *O dono do mar*, resolvi que devia fazer mais dois romances, se Deus me desse tempo de vida. Já tinha uma boa idéia para o segundo. Era a história da degola nos garimpos, quando faltava o ouro. Tinha também um bom quadro que era a Guerra do Contestado, do Amapá. O Brasil disputava com a França aquele território. Essa região era absolutamente misteriosa, desconhecida. Havia a fascinação da aventura e do ouro. Comecei, então, a pesquisa do que tinha se passado na região.

– A pesquisa durou muito tempo?

– Eu precisava ler tudo o que havia sobre a Guerra do Contestado, uma guerra esquecida do Brasil mas que foi extremamente importante. Aquela região, que tem cerca de 300 mil quilômetros quadrados, a região do Contestado, ia até o Rio Branco.

– É o que hoje é o Estado do Amapá?

– Não, a questão do Contestado é maior, incluía o Amapá e até uma parte do Piauí e de Roraima. As fronteiras eram indefinidas, era um mundo inteiramente desconhecido. Só no ano de 1900 essa questão foi decidida por Rio Branco, através do laudo suíço. Comecei a ler toda a literatura sobre a Guiana e surgiu uma fascinação sobre a região, uma área de divisa entre brasileiros e franceses. Que não eram bem franceses, eram *créoles*, que tinham ido para lá. Foi o único lugar aqui na América em que os escravos se tornaram senhores, houve até mesmo uma escravidão branca, os brancos foram escravos dos pretos.

– Isso foi na Guiana?

– Sim, na Guiana Francesa. Isso parecia uma história fascinante. Tive que ler tudo que existia sobre o assunto.

– Quanto tempo essa pesquisa lhe tomou?

– Do início da idéia do romance até a conclusão levei uns cinco anos.

– Foi mais ou menos o tempo do início do seu mandato, quando o senhor foi para o Amapá, candidatar-se ao Senado?

– Na campanha de senador, quando percorri a região dos garimpos mortos, na fronteira, entrou a funcionar o intelectual. No meio daquela confusão política, comecei

a ver o que significava aquilo, o tesouro, do ponto de vista temático, que era o garimpo. Antigamente, eu dizia que a política nunca tinha influenciado a literatura. Hoje, eu não posso dizer, porque se eu não tivesse ido para o Amapá nunca teria escrito esse romance. Li tudo sobre a Guiana.

– Existe muita literatura sobre o assunto?

– Há muita literatura sobre a Guiana...

– No Brasil e na França?

– Há muito mais francesa que brasileira. A brasileira é o livro do Joaquim Caetano sobre a Amazônia, que serviu muito para o barão do Rio Branco, toda a documentação sobre a questão do Contestado, que são nove volumes. Depois de estar informado sobre tudo isso, iniciei uma pesquisa de campo. Nessa pesquisa

eu ia atrás de fósseis antropológicos, de pequenas histórias que ainda podiam remanescer naquela região. E foi muito rico porque a gente vê através da tradição oral como essas histórias chegaram até hoje. Um pedacinho aqui, outro pedacinho ali...

– Juntando cacos...

– Isso, juntando cacos. Foi uma tarefa fascinante. Senti-me muito feliz quando estava fazendo isso, garimpando histórias.

– A Saraminda existiu?

– Na história dos garimpos as mulheres eram personagens importantes, porque lá lutava-se por mulheres. Os homens tinham que ir buscar mulheres na Guiana. No Brasil, a cidade importante mais perto era Belém e perto do Calçoene era Caiena, que também era um grande porto, de onde importavam todas as mercadorias

que abasteciam o garimpo. Caiena teve para mim também uma fascinação. Comecei a levantar a Caiena do fim do século 19. As plantas da cidade, as ruas...

– Ela mudou muito?

– Mudou demais. Depois que estava com Caiena toda na cabeça, conhecendo inclusive as plantas, os costumes, me desloquei para lá. Quando cheguei em Caiena anônimo, uma pessoa me disse: "O senhor conhece muito bem Caiena, quantas vezes já esteve aqui?". Respondi: "Estive há 100 anos." Comecei a procurar ruas que já não existiam, tinham outros nomes. Com tudo reunido, todas as notas feitas, comecei a escrever o romance. Devo ter levado um ano e pouco entre o início e o fim do romance, mas já estava com todas as notas e um material extraordinário. Passavam dentro da minha cabeça dia e noite, a política e o romance. A primeira pessoa que me apareceu foi Saraminda.

– Ela ficou parecida com algum personagem que existiu?

– Ela é uma criação literária mas é muito representativa do que um escritor construiria sobre um material como o que eu tinha. Ela começou a me fascinar e de tal maneira eu me dediquei à intimidade dela, a conhecê-la e a construí-la que chegou um momento que minha mulher chegou a ter ciúmes dela. Quando terminei o romance, ele tinha 400 páginas. Tive que tirar mais de 100 páginas.

– Um exercício de concisão e síntese...

– Sempre me lembro que, quando saiu o *Cem anos de solidão*, o Borges, Jorge Luis Borges, que não tinha muitas simpatias pelo García Márquez, disse: 'É um excelente livro mas tem 100 páginas a mais.' Hoje, evidentemente, não se pode escrever um livro que passe de 300 páginas. O deus do mercado atingiu também a literatura e a atividade de leitura.

– Algum outro personagem está delineado como alguma pessoa que existiu?

– Clément Tamba é um personagem que existiu nos livros que eu li, quase com o mesmo nome, Clément também. As histórias que surgem dele é que ele tinha comprado um tãluri na França e andava nas ruas de Caiena. Clément Tamba tem muito mais dados do personagem real do que Saraminda e os outros personagens. Ele tem a solidão de um personagem que não morre e fica convivendo com todo o seu mundo. Ele foi a primeira amarração que eu tive para escrever o livro.

